

Ano XXXVIII - N.º 7

Revista Mensal

2,50 €

Julho/Agosto 2022

MENSAGEIRO

de SANTO ANTÓNIO



*As famílias
são lugares
de acolhimento*

Sumário



Julho/Agosto 2022 | N° 7 | Ano XXXVIII

EDITORIAL

- 3** A pobreza que nos torna ricos
Frei Severino

HOMEM E SOCIEDADE

- 4** Profetas do nosso tempo

Chiara Corbela

Fabrizio Bordin

- 6** Mundivivências

O ingrediente secreto

Miguel Panão

- 8** António Secreto

Romance histórico
sobre Santo António

- 10** Pés na Terra

Memórias no verão

Inês Espada Vieira

- 12** Artes e Letras

Livros:

Elogio da Felicidade

Adelaide Miranda

Converter Peter Pan

Rui Vasconcelos

Cinema: Colmeia

Pe. Manuel Monteiro Mendes

- 14** Memória e Tradição

Exposição do altar para a rua

Pedro Teotónio Pereira

ESPECIAL

- 15** JMJ Lisboa 2023

Inês Santos e Gonçalo Oliveira
(coordenação)

Alice Cardoso

Paulo Rocha

Entrevistas com:

Padre Filipe Diniz

Frei Flávio

IGREJA A CAMINHO

- 26** Ponto e contraponto

D. Hélder Câmara

Idalino Simões

- 28** Traços de uma Presença

Celebrar a amizade

Juan Ambrosio

PÁGINAS ANTONIANAS

- 30** Sinais de António - 04

Eu, tu, nós:

quem somos na web

Gilberto Borghi e Chiara Gatti

- 32** Devoção

Orações a Santo António

- 33** Páginas Franciscanas

Missão na Venezuela

Tiago Figo

- 34** António Secreto 01

De Fernando se fez António

CONTRACAPA

- 36** O que pede o Senhor à minha família?

Papa Francisco,

X Encontro Mundial das Famílias

Diretor

Frei José Augusto Marques

(Carteira Profissional TE-101)

Diretor-adjunto

Secundino Correia

(Carteira Profissional TE-1302)

Administrador

Frei Fabrizio Bordin

Redação

Frei Severino Centomo

Proprietário e Editor

ACMSA - Associação Cultural

Mensagem de Santo António,

entidade sem fins lucrativos

(Pessoa Coletiva n.º 505 333 937)

Administração, Redação e Edição

Estrada de Assafarge, n.º 6

3040-718 Castelo Viegas

Atendimento:

segunda a quinta

das 10:00 às 12:30

e das 15:00 às 17:00

NOVO Telefone: 239 097 984

Correio eletrónico

assinantes@santoantonio.live

Preço da assinatura anual

Devoto / Portugal:	22 €
Amigo:	50 €
Benfeitor:	100 €
Europa:	40 €
Fora da Europa:	50€ - \$75 (CAN)

Preço avulso:	2,50 €
Números atrasados:	3,50 €

NIB da ACMSA

001000004251041000159

IBAN da ACMSA

PT50001000004251041000159

SWIFT/BIC: BBPIPTPL

Impressão

SERSILITO, Empresa Gráfica, Lda

Travessa Sá e Melo, 209

4471-909 MAIA

Número de Registo: 113.612

Dépósito Legal n.º 26.837/89

Estatuto Editorial

<https://santoantonio.live/about/>

Edição digital

<https://santoantonio.live>

Tiragem do número anterior:

2.600 exemplares



Capa: Festa da Comunidade de Santo António dos Olivais, Coimbra. Foto MSA 19 de junho de 2022.

Editorial: Pão de Santo António. Festa da Comunidade de Santo António dos Olivais, Coimbra. Foto MSA 19 de junho de 2022.

O Mensageiro de Santo António segue as normas do Acordo Ortográfico, desde janeiro de 2012.



Frei Severino Centomo

A pobreza que nos torna ricos

O dia 13 de junho, festa de Santo António, para além de nos proporcionar a alegria de celebrar o Santo de Lisboa, de Coimbra, de Pádua e de todo o mundo, reserva-nos, há já cinco anos, uma efeméride particular: a publicação da *Mensagem do Papa para o Dia Mundial dos Pobres*.

Não sei se o Papa Francisco quis associar este dia ao “Pão de Santo António”, mas não há dúvida que a figura deste Santo foi incontornável no empenho em favor dos pobres e dos injustiçados deste mundo.

O tema da mensagem para o próximo dia **13 de novembro, Dia Mundial dos Pobres**, é o seguinte: “Jesus Cristo fez-se pobre por vós” (2 Cor 8, 9). A mensagem apresenta uma leitura profunda da situação atual da humanidade, à beira de uma catástrofe, e oferece uma pista de solução que brota do Evangelho e do testemunho de figuras como São João Crisóstomo, o Irmão Carlos de Foucauld e, embora sem o citar, Santo António.

Afirma o Papa:

Se quisermos que a vida vença a morte e que a dignidade seja resgatada da injustiça, o caminho a seguir é o d’Ele: é seguir a pobreza de Jesus Cristo, partilhando a vida por

amor, repartindo o pão da própria existência com os irmãos e irmãs, a começar pelos últimos, por aqueles que carecem do necessário, para que se crie a igualdade, os pobres sejam libertos da miséria e os ricos da vaidade, ambos sem esperança.

Figuras como António e Carlos de Foucauld são exemplo claro de que os bens deste mundo não chegam para saciar a sede, que existe no coração do homem, de uma vida feliz, plena e fecunda. É preciso, para isso, tornar-se pobre como Cristo se tornou pobre para nós. É esta sua riqueza que nos salva.

O período de férias deste verão deixa-nos um véu de tristeza ao constatar que as guerras continuam e aumenta o número dos pobres, dos refugiados, dos que sofrem a fome e carecem das necessidades básicas para uma vida digna.

Será que a “riqueza” dos discípulos de Jesus Cristo bastará para aliviar toda essa miséria? As grandes testemunhas da caridade respondem nem sim nem não, simplesmente dizem: comecemos, não aguardemos que sejam os outros a dar o primeiro passo, mas sigamos já o exemplo de Cristo! ■



Chiara
Corbella

Frei Fabrizio Bordin

O SOFRIMENTO TRANSFIGURADO EM SORRISO



Vou mirando uma foto que transmite algo de paradoxal: um sorriso que vence a dor no rosto de uma mulher. Trata-se de Chiara Corbella, com um carcinoma na língua, dois meses antes da sua morte que ocorreu a 13 de Junho de 2012.

Em dia de Santo António, a 10 anos da sua morte, escrevo sobre Chiara, ciente que não é fácil apresentar o seu extraordinário percurso e testemunho de vida, como profecia que brota de uma vida marcada, ao mesmo tempo, pelo sofrimento e pela alegria.

Chiara Corbella Petrillo, com apenas 28 anos, sabia que “o mais importante na vida não é fazer coisas, mas nascer e deixar-se amar”, como se lê no epitáfio da sepultura onde se encontram ela e os seus dois primeiros filhos. A sua popularidade continua a crescer como cresceu na sua história a coerência com o Evangelho, a sua paixão pela vida e por Deus.

Chiara Corbello nasce em Roma a 9 de Janeiro de 1984. Cresce juntamente com Elisa, a irmã dois anos mais velha, numa família que lhe transmite a fé, graças sobretudo à participação nos encontros de oração e convívio do movimento carismático presente na sua cidade.

No verão de 2002, Chiara encontra-se de férias na Croácia com algumas colegas do liceu. Aproveita a viagem de laser para visitar a sua irmã que se encontrava em Medjugorje, onde conhece Enrico Petrillo, um jovem romano de 23 anos que participava numa peregrinação mariana. Chiara, com apenas 18 anos, apaixona-se por ele e tem a sensação de estar diante de quem será o seu marido.

Os dois regressam a Roma e iniciam um tempo de namoro. Mas a relação conhece momentos muito difíceis. Chiara escreve no seu diário pessoal:

Depois de 4 anos o nosso namoro começou a vacilar até que nos separamos. Naqueles momentos de sofrimento e de rebelião contra o Senhor, porque achava que Ele não escutava as minhas orações, participei num Campo Vocacional em Assis, onde encontrei a força para acreditar n'Ele, voltei a encontrar Enrico e começamos a deixar-nos acompanhar por um guia espiritual...

Ultrapassados os medos, Chiara e Enrico casaram, em Assis, a 21 de Setembro de 2008, construindo a sua fidelidade matrimonial à sombra da fidelidade de Deus. De regresso da lua de mel, começaram outros grandes desafios ao longo dos quatro anos de matrimónio. Os dois primeiros filhos, Maria e David, traziam graves problemas físicos que determinariam a sua morte pouco depois do parto. À Maria é-lhe diagnosticada uma anencefalia, ao David uma malformação visceral da bacia com ausência dos membros inferiores. Porém, Chiara e Enrico não renunciaram a recebê-los como dom de Deus.

Escreve Chiara no seu caderno:

No casamento o Senhor quis dar-nos filhos especiais: Maria Grazia Letizia e Davide Giovanni, mas pediu-nos que os acompanhássemos apenas até ao nascimento, permitiu-nos abraçá-los, batizá-los e entregá-los nas mãos do Pai numa serenidade e numa alegria arrebatadoras.

Embora não houvesse conexão entre as patologias das duas crianças, Chiara e Enrico, sob a pressão de amigos e familiares, fizeram testes genéticos. Chiara engravidou novamente e viriam a ter um menino saudável a que chamaram Francisco. Mas, no decorrer da gravidez, Chiara descobre um carcinoma na língua. Depois de uma primeira intervenção para retirar a massa tumoral, decide adiar outros tratamentos a que se deveria submeter para não prejudicar o desenvolvimento da criança.

Escreve Chiara:

Para a maioria dos médicos, Francisco era apenas um feto de sete meses. Era a mim que era preciso. Mas eu não tinha intenção de colocar a vida de Francisco em risco, por algumas estatísticas que não estavam certas e que queriam convencer-me que era necessário forçar o nascimento prematuro do meu filho para eu ser operada.

Francisco Petrillo nasceu a 30 de Maio de 2011. Chiara, ainda na maternidade, iniciou logo a segunda fase dos tratamentos. Infelizmente o tumor continuava a estender-se, chegando aos gânglios linfáticos, aos pulmões e ao fígado e, por fim, ao olho direito, que Chiara resolveu vedar para limitar os problemas da visão.

Um ano depois do nascimento de Francisco, Chiara morrerá de cancro, ao meio dia, de 13 de Junho de 2012, depois de se ter despedido de todos, familiares e amigos, repetindo a cada um: “Quero-te bem!”. Na manhã daquele mesmo dia, o marido Enrico tinha-lhe perguntado: “Meu amor, mas o jugo do Senhor é realmente suave?”. E ela que já respirava e falava com muita dificuldade, responde sorrindo: “Sim, Enrico, é muito suave”.

A vida de Chiara Corbella foi pautada pela alegria e pela serenidade. A doença, o choque e a perda dos filhos não conseguiram afugentar a felicidade do casal, que sempre se alicerçou na relação com Deus através da oração.

Chiara deixou ao filho, Francisco, uma carta testamento por ocasião do seu primeiro aniversário, com estas palavras:

A razão da nossa vida é amar e estar sempre prontos para aprender a amar os outros como só Deus nos pode ensinar. Tudo o que fizeres só terá sentido se o fizeres em função da vida eterna. Se amares a sério, verás que nada te pertence, porque tudo é graça. Tu és único e tens uma grande missão. O Senhor desde sempre te quis e te mostrará o caminho a seguir se lhe abrires o coração. Confia nele, vale a pena!

A alegria que marcou a vida de Chiara continua a contagiar, pois a vida vence a morte, como ela dizia: “Nascemos e não morremos”. O facto de se saber amada e de viver a partir desta verdade, suscitava nela o sorriso mais autêntico, um sorriso que transfigurava a dor.

Em dia de Santo António (casamenteiro) apraz-me apresentar a história de Enrico e Chiara, uma história devastadora do ponto de vista humano, mas de uma beleza única se a olharmos com os olhos do Amor que tudo transforma em graça. ■

**O contrário do amor, possuir;
O contrário do medo, a fé;
O contrário da morte, a alegria!**

Chiara

A woman with long dark hair, wearing a dark green long-sleeved shirt and blue jeans, is painting on a canvas mounted on a wooden easel. She is holding a paintbrush and applying yellow and blue paint. The room is bright, with a large window in the background showing a view of a building. There are pink flowers in a vase on a table next to the easel. The text 'O ingrediente secreto na criação de hábitos' is overlaid on the left side of the image.

O ingrediente secreto na criação de hábitos

sodawhiskey - stock.adobe.com

Miguel Panão

A vida frenética durante os períodos de trabalho justifica a busca de algum descanso durante as férias. E os hábitos de lazer descuidados com a desculpa do trabalho, encontram nos períodos de descanso a sua oportunidade de nos transformar, ajudando-nos a descobrir novas identidades.

Os meses de descanso não servem apenas para recuperar as forças físicas, mas representam uma oportunidade de recuperar ou adquirir hábitos que podem transformar, inclusive, o modo como trabalhamos.

Num momento de comunhão entre amigos, um partilhava como não conseguia criar o hábito de ler. Na cara espelhava como o trabalho e a logística familiar seriam as razões

para isso. Mas como ler aguça a mente, e sabendo eu que o seu trabalho exigia uma mente aguçada, diria que a leitura seria o melhor remédio para manter um nível elevado na qualidade do seu trabalho.

Existem hábitos passivos como ler, escrever, pintar, desenhar, costurar, fazer puzzles que parecem ser atividades de lazer (e são), mas produzem, nas nossas capacidades motoras, cogniti-

vas e de sensibilidade espiritual, grandes efeitos, muitas vezes, negligenciados. Como durante os períodos intensos de trabalho não é evidente fazermos exames de consciência sobre o estado de arte dos nossos hábitos, os períodos de férias são o *kairos*, isto é, o tempo certo para isso.

Porém, existe um ingrediente que muitos se esquecem e que pode ser a pitada de sal que faz toda a diferença.

As pessoas lêem para relaxar ou adquirir conhecimentos; escrevem para se libertar das dores interiores ou partilhar com os outros alegrias; pintam para dar cor e forma ao que sentem; desenham para desenvolver uma capacidade de expressão;

costuram para poupar na roupa ou pelo simples gosto de a fazer; e fazem puzzles para se divertir em família. Mas, apesar destes e qualquer outro motivo, o que se alteraria se desenvolvessem cada hábito por amor?

S. João da Cruz disse: “onde não existe amor, coloca amor e encontrarás amor”. Logo, se colocarmos amor nos hábitos que podemos desenvolver em momentos de lazer, encontraremos amor permeado pelas nossas férias e estaremos a desenvolver a possibilidade de manter essa chama do amor acesa ao longo do ano. Pois, um hábito é uma mudança de comportamento que perdura no tempo.

Por outro lado, os hábitos são processos que ligam o que somos aos resultados que queremos, pelo que o efeito de colocar amor nesses processos pode ser um algo-mais que faz a diferença. Imaginemos o caso de alguém que escreve: quer publicar um livro para ser escritor ou sendo escritor quer publicar um livro?

Publicar um livro é um resultado. Ser escritor faz parte da

identidade da pessoa. E só com um hábito de escrita criado se desenvolve o processo que liga resultado e identidade.

Mas existem duas direções possíveis a que a pergunta anterior alude. A direção que parte do resultado (publicar um livro) para chegar à identidade (ser escrito); e a direção que parte da identidade (ser escritor) para chegar ao resultado (publicar um livro). Qual a melhor direção quando ambas parecem ser justas e lógicas? É aqui que o amor que cria o hábito ajuda a entender a direção certa.

O amor faz de nós pessoas que desejam ser dons-de-si-mesmos, projetando a interioridade para fora, de modo a transformar a exterioridade. Quando as pessoas consideram o amor como uma força interior é por ser um parte inextricável do nosso ser que transforma o mundo à nossa volta. No amor, como dom, não nos voltamos para nós mesmos, mas para tudo e todos os que estão fora de nós mesmos.

Assim, a direção sugerida quando colocamos amor na criação de um hábito é a que parte do

interior (identidade) e se dirige para o exterior (resultado). Sentem como o amor liberta?

Quantas pessoas evitam os hábitos (processos) que podem ajudá-las a realizar os seus sonhos (resultados), ou que recusam o que são (identidade) por não possuírem os hábitos que lhes permitem chegar ao sonho (resultado). O amor desbloqueia estes entraves e esse é um dos seus muitos efeitos.

Neste período que para muitas pessoas é a oportunidade de descansarem, se colocarem amor na criação daqueles hábitos passivos que parecem ser apenas para aqueles que nada têm para fazer, talvez se deem conta como esses hábitos ajudam a descobrir uma identidade em nós mais profunda do que a de um trabalhador exímio naquilo que faz.

Aliás, quem sabe se a pintura não suscitará novas ideias para o trabalho? Por exemplo, a mais simples ideia de aprender a colocar amor em tudo o que fazemos para sermos mais e melhores do que somos. ■





O primeiro romance histórico sobre Santo António teve honras de apresentação no Museu de Lisboa / Santo António, a 11 de junho, com a presença do autor, Nicola Vegro, da tradutora Maria da Graça Ferrão, da irmã Eliete Duarte, da Paulinas Editora e do Frei Severino que supervisionou a tradução.

Em Coimbra, a 21 do mesmo mês, a apresentação decorreu na sacristia da Igreja de Santo António dos Olivais e esteve a cargo dos freis Fabrizio Bordin e Severino Centomo. O autor participou através de um vídeo pré gravado.



CAMPANHA ASSINANTES

António secreto



Livro António Secreto + Assinatura 6 meses

24,00* Euros + 11,00 Euros = ~~35,00 Euros~~ **30,00 Euros**

Livro António Secreto + Assinatura 18 meses

24,00 Euros + 33,00 Euros = ~~57,00 Euros~~ **50,00 Euros**

Em <https://santoantonio.live/novo-assinante> encontra um formulário

para efetuar a encomenda e o pagamento. O livro será enviado pelos CTT sem custo adicional.

Também poderá fazer a aquisição do livro e assinatura da revista junto das comunidades dos freis em Coimbra, Lisboa ou Viseu.

Pagamento e donativos através de Multibanco, MBWay, Paypal ou transferência bancária.



NIB: 0010 0000 42510410001 59

IBAN: PT50 0010 0000 42510410001 59

SWIFT/BIC: BBPIPTPL

Se já é assinante, pode usufruir de igual modo da campanha, acrescentando 6 ou 18 meses à sua atual assinatura.

*Preço de capa - 24,00 Euros

<https://santoantonio.live>

Memórias no verão

Texto e Fotos: Inês Espada Vieira

Não sabemos muito bem quando, mas há um dia em que percebemos que as nossas memórias têm patine. Ou seja, já não são apenas acontecimentos do passado, mas sobre eles correu o tempo que lhes deixou essa camada de envelhecimento natural e, digamos, requintado, selecionando, e por isso reconfigurando, o passado.

A infância, a adolescência, a primeira juventude, passam de ter uma cronologia exata a organizarem-se em laivos de vivências: os namoros, as festas de verão, a viagem mais longa, as promessas de amor, os segredos e os contratempos, a aventura mais louca...

A tecnologia de ponta que usamos ligada a uma corrente invisível mas bem presente – o nosso telemóvel, mais ou menos *smart* e, afinal, muito pouco móvel, porque o trazemos sempre agarrado à mão – é capaz de concretizar esta sensação de apurada distância com diversos filtros destinados a transformar qualquer foto desenhada numa peça de marketing pessoal do mais alto gabarito.

O papel fotográfico das fotos a.t. (antes de telemóvel) também vai envelhecendo a seu modo, numa experiência digna do laboratório de físico-química, a uma velocidade bem mais lenta e incerta do que a do rápido clique no filtro preferido. Com o filtro, tapamos

sem ocultar, depuramos, iluminamos e colorimos, apagamos (imper)feições e reescrevemos momentos. Não são necessariamente mentira, os filtros, são amiúde apenas novas histórias, feitas para reinventar a vida vivida e aquela sonhada.

Não sabemos muito bem quando, mas há um dia em que percebemos que a patine sobre as nossas memórias as traz para o presente como uma dádiva, transportando um bocadinho menos do que fomos e mais do que cremos ter sido: garotada livre pelas ruas do bairro, malandragem da boa pelas estradas da terra, segredos roubados enquanto se esperava a camioneta, risinhos nervosos atrás do campo da bola, nos intervalos da escola.

Creemos e queremos ter sido aquela juventude cheia de hesitações e certezas sobre os mesmos amores, cheia de planos infalíveis para ser feliz, aquela juventude a reclamar da injustiça tremenda de ter horários, de ter de fazer TPC, de apanhar grande secas com a família, de não poder dormir de dia porque de noite é que é.

Gente a sonhar com as férias, esquivando o olhar dos pais, a beber a primeira imperial às escondidas e a armar-se em grande, tossindo com o cigarro na mão. Rapaziada diante de espelhos distantes, mas paralelos, nas horas de pôr perfume e de preparar a toilette para a festa mais aguardada, a malta de sempre (ou a do momento, mas sempre a nossa malta), protagonista da madrugada, enevoa-

da ou clara, prestes a perder-se entre as brumas da memória ou destinada às narrativas épicas dos encontros futuros entre os sobreviventes de tais façanhas.

Não sabemos muito bem como, mas há um dia em que percebemos que essas memórias com patine nos surpreendem no quotidiano, recordando sonhos substituídos, amigos esquecidos, músicas cuja letra perdêramos, a sensação dos ténis novos nos pés velozes, a antecipação da alegria do fim das aulas, os pores-do-sol imensos na praia vazia, os projetos para o melhor trabalho, a paixão avassaladora, o amor eterno, a certeza de mudar o mundo.

É muitas vezes no verão que isso acontece. Os dias soalheiros e estendidos, as quentes carícias

do vento nas pernas, os sons da noite (as cigarras insistentes ou o teclista motivado que se ouvem demasiado perto), a fruta morna acabada de apanhar da árvore, a algazarra das esplanadas cheias, tudo isso e mais alguma coisa, traz de longe memórias de felicidade e esperança.

Mas não são como fotografias que revemos segurando na ponta dos dedos e das lembranças; são como visitas que nos brindam calorosamente, que se sentam connosco e nos acompanham por momentos (já agora, não demasiado tempo, a visita demasiado tempo perturba), partilhando aquela confiança alegre da juventude, que já para sempre será nossa. ■



ELOGIO DA FELICIDADE

Pelas Edições 70 chega-nos *Elogio da Felicidade*, de Victoria Camps, filósofa espanhola, professora catedrática de Filosofia Moral e Política na Universidade Autônoma de Barcelona e conselheira de Estado permanente. O que é a felicidade? É alcançável? O que tem a filosofia a aportar de concreto para uma vida feliz? O que pensaram e escreveram filósofos, santos, pensadores, psiquiatras e escritores desde o mundo helênico até aos nossos dias? De que modo a economia e os avanços científicos têm alterado a ideia de felicidade?

Partindo de Aristóteles, a autora explora e atualiza a ideia filosófica segundo a qual a felicidade está ligada a uma vida boa, que “consiste numa vida por fazer, em projeto e em transformação (...) uma vida sábia, capaz de sobrelevar o peso das circunstâncias e de manter o entusiasmo”. Contrapõe a esta vida boa, a vida virtuosa, a boa vida, que procura o sucesso, a riqueza e as honras. Não esquece que a vida boa de um indivíduo está ligada à vida boa coletiva, ou seja, que a ética é também política, que a felicidade individual é indissociável da felicidade coletiva. Muito distante dos livros de autoajuda, Camps não nos dá receitas, técnicas para ser feliz, porque segundo a autora a busca da felicidade supõe que somos seres imperfeitos, contraditórios, paradoxais, que duvidamos, “indecisos e ignorantes formados pela experiência, fazendo e desfazendo, equivocando-se e retificando”.

Uma obra englobante, basilar, para ler e refletir, que abre de forma cativante a porta a um filão de escritos, desde Aristóteles até aos nossos dias, porque “podemos equivocar-nos na busca, mas o nosso objetivo é viver

melhor do que vivemos. Querer ser feliz é, portanto, o fim mais perfeito, aquele que se busca por si mesmo”. ■

Adelaide Miranda

Autor
Victoria Camps
Edição
Edições 70
Páginas
224



CONVERTER PETER PAN

A personagem de Peter Pan constitui para o teólogo italiano A. Matteo uma metáfora privilegiada para caraterizar a personalidade dos adultos (30 aos 60 anos) nas sociedades ocidentais: uma geração em busca da juventude permanente, da liberdade de escolha como liberdade de consumo e da navegação constante nas redes sociais. Um modelo de personalidade que é constantemente proposto pelo sistema económico capitalista.

O final dos sucessivos períodos de confinamento trouxe um novo sinal, o das igrejas *semi-vazias*: muitos dos seus membros já não regressaram à celebração comunitária da fé. Recorrendo de forma permanente ao magistério do Papa Francisco, Matteo expõe em 8 capítulos, escritos numa linguagem clara e direta, alguns dos principais desafios que se colocam às comunidades cristãs na Europa. Está em causa a necessidade de uma refundação eclesial, ao estilo de Jesus, identificado aqui pela mansidão na comunicação e pela potencialidade do serviço. Pensado para quem exerce serviço na evangelização e liderança nas comunidades, este livro constitui um excelente contributo para identificar linhas de rumo para um novo agir eclesial, questionando práticas paroquiais marcadas pelo tempo, mas incapazes de suscitar uma experiência de descoberta crente nas – usando uma imagem evangélica – 99 ovelhas que o pastor perdeu, zelando pela única que permanece na sua sacristia.

É tempo de definir uma atuação pastoral que se adegue aos homens e mulheres adultos de hoje. E não há tempo a perder. Enquanto nós vamos brincando com o tempo, tentando ganhá-lo, mas também perdendo-o, a sociedade inteira vai deslizando perigosamente para um definitivo

triunfo de Peter Pan no coração dos seus membros. É tempo de dar vida e forma a um novo cristianismo. ■

Rui Pedro Vasconcelos



Autor
Armando Matteo
Edição
Paulinas
Páginas
160



Dangsin-eolgul-apeseo, Perante o teu rosto, de Hong Sang-soo, Drama, M/14, Coreia do Sul, 2021.

Pe. Manuel Monteiro Mendes

Aqui há uns seis anos, li deslumbrado o livro *Tudo é Graça – A revolução*, de Dorothy Day. Pois foi desse livro que me lembrei imediatamente ao ver este despojado e muito sóbrio filme *Perante o teu Rosto* (daí a razão do título deste texto).

De facto, logo numa das primeiras cenas, como que ouvimos a protagonista rezar: “Tudo o que vejo diante de mim é graça”. Só mais tarde compreenderemos o alcance destas palavras saídas do coração daquela ‘mulher abençoada’, como alguém lhe dirá.

A mulher é Sangok, uma atriz que há muito tempo foi viver para os Estados Unidos e que regressa agora à Coreia. No início, pressentimos que há algo de secreto que ela guarda, mas só saberemos mais tarde o que é. O filme, que se passa durante vinte e quatro horas, começa e acaba no mesmo lugar: no apartamento da irmã, a olhá-la enquanto ela dorme, com uns gestos tímidos de quem deseja que ela acorde para falar. Talvez a ver se é capaz de contar o segredo.

Perante o teu Rosto é um filme espiritual, com a presença permanente da transcendência, durante o qual a protagonista vai fazer um caminho sereno, como quem se vai despedindo, agradecida, da vida que viveu, apesar do medo, que também está presente. Um momento muito significativo é quando ela aproveita o atraso do almoço para ir visitar a antiga casa onde morou, e se demora no pátio a conversar e a fumar com a jovem a quem a casa pertence agora. E mais significativo ainda é o abraço à menina, como quem se despede dos seus tempos de criança ali vividos.

Mas o grande momento revelador vem a seguir. O almoço é com um realizador de cinema que quer muito fazer um filme com ela, de tal modo ficou deslumbrado

com os seus filmes antigos. E a mesa, no cinema de Hong Sang-Soo, é sempre lugar de revelação, também por culpa do muito álcool bebido. Neste filme então, é mesmo muito longo o almoço, quase parece que se passa ali mais de metade do filme. Começam muito timidamente, quase desconfiados, a balbuciar. No início, ainda está um assistente do realizador, mas depressa ficam apenas eles os dois. É quando ela vai dizer que não poderá fazer o filme – demoraria demasiado tempo – porque ela vai morrer em breve. Era esse o segredo.

O que se passa a seguir é uma cena muito bonita marcada pela urgência, e que os leva a prometer que vão, pelo menos, fazer uma viagem de três dias e fazer o filme possível. Ela pode arriscar tudo, tal é a sua serenidade. Mas ele não, como se verá, quase no fim, na mensagem que lhe envia, de manhã, e que a faz rir com vontade, como se já adivinhasse o desfecho.

É durante esse almoço que ela diz outra frase que não esqueci: “Tenho esta crença: acredito que o paraíso se esconde diante dos nossos olhos”. No rosto dos outros que, afinal, conhecemos tão pouco. Perante o teu rosto.

Este filme, depurado e simples, aparentemente pouco cuidado, feito de monólogos interiores e diálogos demorados, é, afinal, uma afirmação da intimidade, da proximidade, do desejo de estar acompanhado. Por isso o filme começa e acaba com ela a contemplar o rosto da irmã.

É uma bela meditação sobre a vida, que vale sempre a pena. Mesmo que uma nódoa suje o vestido ou a chuva caia a jorros, de repente. Porque tudo é graça. Nem que seja o prazer de um cigarro fumado devagar... ■

Exposição do altar para a rua

Pedro Teotónio Pereira
Museu de Lisboa / Santo António

Santo António na cerâmica de Delfim Manuel
Museu de Lisboa – Santo António
19 de junho – 30 de outubro de 2022

Fotos © José Avelar/ML

Todos os anos, desde 1997, o ceramista de Santo Tirso, Delfim Manuel, cria uma nova imagem de Santo António. Numa edição limitada e numerada, produz peças onde demonstra toda a ternura e carinho que espelha a devoção especial que os portugueses dedicam a Santo António.

São peças onde cabem as tradições das festas dos Santos Populares (as sardinhas, os manjericos, os tronos, a guitarra portuguesa, o arco e o balão), mas também o milagre da bilha ou a distribuição do pão de Santo António.

Estas peças estão agora em exposição no Museu de Lisboa – Santo António, permitindo revisitar 25 anos de criação de um dos ceramistas mais conceituados no panorama artístico português, que se distingue pela originalidade e pelo pormenor que imprime às suas criações.

A exposição é complementada com 13 peças que Delfim Manuel criou exclusivamente para esta exibição e que mostram a maestria do ceramista que molda o barro como se de filigrana se tratasse.

A exuberância do detalhe e riqueza da policromia que caracterizam o seu trabalho, reconhecido pelos inúmeros prémios que tem recebido e pela presença em inúmeras coleções de artesanato português, estão presentes nestas imagens de Santo António e traduzem as emoções e os afetos que tornaram este o santo mais popular do mundo. ■





Inês Santos e Gonçalo Oliveira (coordenação)

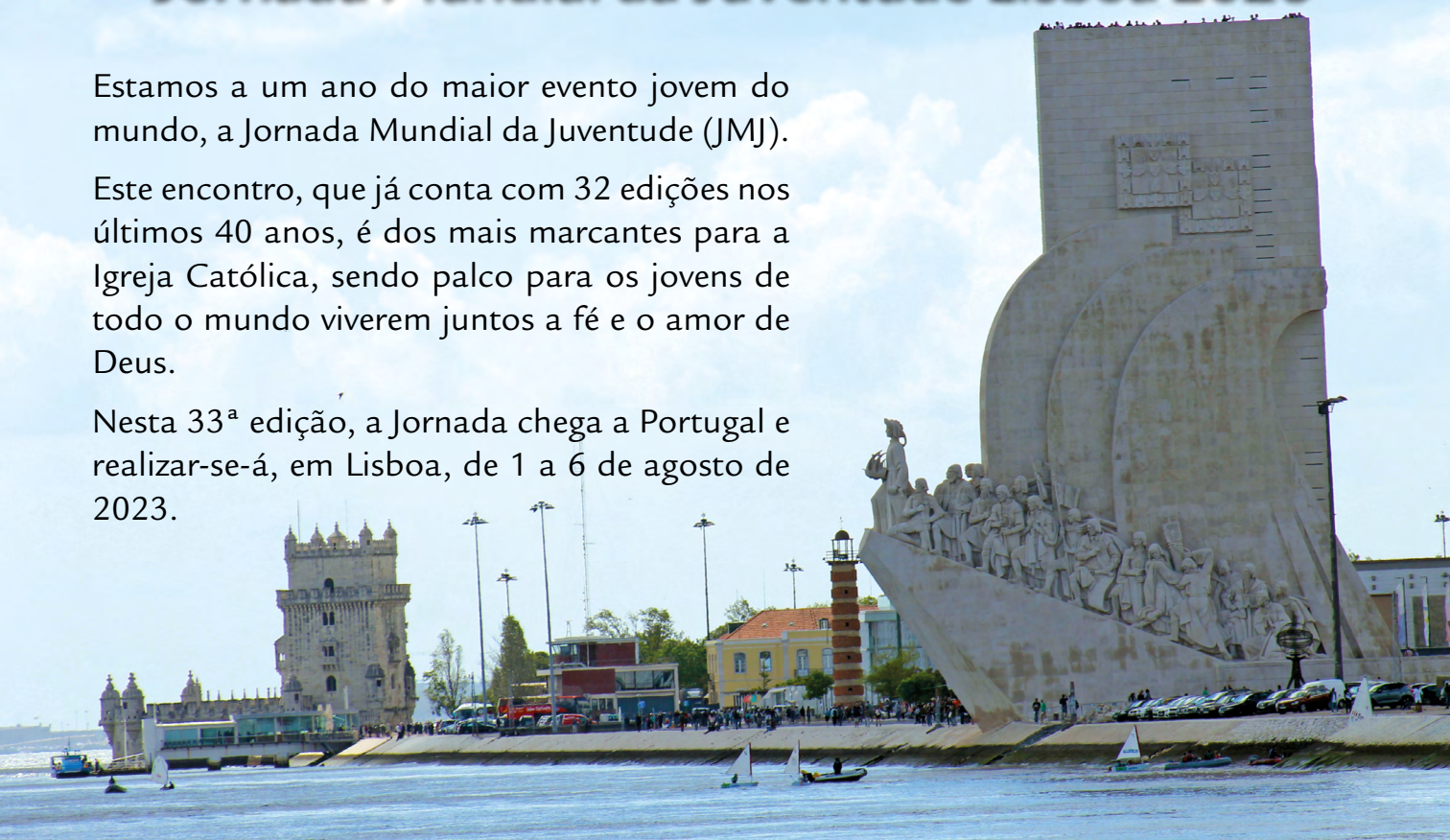
JMJ 2023

Jornada Mundial da Juventude Lisboa 2023

Estamos a um ano do maior evento jovem do mundo, a Jornada Mundial da Juventude (JMJ).

Este encontro, que já conta com 32 edições nos últimos 40 anos, é dos mais marcantes para a Igreja Católica, sendo palco para os jovens de todo o mundo viverem juntos a fé e o amor de Deus.

Nesta 33^a edição, a Jornada chega a Portugal e realizar-se-á, em Lisboa, de 1 a 6 de agosto de 2023.



EU VOU... EU VOU

PARA A JMJ AGORA EU VOU...

Inês Santos e Gonçalo Oliveira

Estamos a um ano do maior evento jovem do mundo, a Jornada Mundial da Juventude (JMJ). Este encontro, que já conta com 32 edições nos últimos 40 anos, é dos mais marcantes para a Igreja Católica, sendo palco para os jovens de todo o mundo viverem juntos a fé e o amor de Deus.

Na sua 33ª edição, a Jornada chega a Portugal e realizar-se-á, em Lisboa, de 1 a 6 de agosto de 2023. Foi com grande alegria que o povo português recebeu esta notícia e está, neste momento, a arregaçar as mangas para preparar uma Jornada verdadeiramente memorável e muito ao nosso jeito!

Para quem já teve a oportunidade de participar numa Jornada, sabe que a experiência de ser acolhido noutro país e de encontrar pessoas de todos os cantos do mundo a transbordar de entusiasmo é algo verdadeiramente emocionante que deixa marcas profundas de um sentimento de gratidão e felicidade.

Ao fim de anos e anos a acumular todos estes sentimentos, finalmente chegou o nosso momento de retribuir! Nós, os portugueses, somos conhecidos por sermos um povo simpático e caloroso, que sabe acolher. É neste sentido que a caminhada de preparação para a Jornada está direcionada.

Queremos acolher o mundo, tal como Maria acolheu Jesus, nos seus braços. “Maria levantou-se e partiu apressadamente” (Lc 1, 39) é a citação bíblica que marca o tema deste encontro. Ela é retratada como mulher de caridade e mulher missionária que inspira os jovens a serem, eles próprios, testemunhas do amor de Deus e missionários ativos da presença de Cristo vivo.

A preparação da JMJ está a ser feita em duas vertentes: uma prática e outra espiritual. A preparação prática envolve organizar todos os recursos que temos, humanos e materiais, para que chegando ao grande momento, estejamos prontos para receber os previstos dois milhões de peregrinos nas nossas casas. Esta dinâmica está a ser feita através da divisão de grupos de trabalho que vão desde o Comité Organizador Local (COL), em Lisboa, que é responsável por garantir que estamos todos “no mesmo barco”, passando pelos grupos responsáveis nas Dioceses (CODs), até às equipas territoriais (COTs) que abrangem os vários Locais de Acolhimento (LAs), os verdadeiros rostos para os peregrinos que acolhemos.

A única forma de conseguirmos concretizar este plano é se todos dermos a nossa contribuição e disponibilidade. Para tal, temos a preparação espiritual. Para os cristãos, este não é só mais um evento que se organiza, como um Europeu de Futebol ou um Festival da Canção. Da mesma forma que se aprende que as peregrinações a Fátima ou a Santiago verdadeiramente nos transformam e nos fazem abrir o coração a Deus, é na preparação para a JMJ que nós podemos encontrar um estreito sentimento de fraternidade e comunidade. Só unidos podemos preparar um evento desta dimensão!

ENTÃO QUAL É O PONTO DE SITUAÇÃO?

As dioceses de Lisboa, Santarém e Setúbal estão focadas na preparação da semana da jornada, visto serem os locais onde toda a gente se vai concentrar. As restantes dioceses do país vão estar a preparar aquilo a que chamamos de Pré-Jornada ou Dias na Diocese (DND).



Este encontro realiza-se na semana imediatamente anterior à semana da Jornada e procura, para além de acolher os peregrinos nas nossas casas, dar-lhes a conhecer a nossa vivência enquanto comunidade e cultura nos vários Locais de Acolhimento. Por enquanto, estão abertos dois tipos de pré-inscrições para esta preparação. Uma para **famílias de acolhimento** e outra para **voluntários**. Como os próprios nomes indicam, na primeira a pré-inscrição refere-se a acolher os peregrinos nas nossas casas, ficando cada família responsável pela estadia, alimentação e recepção.

Na segunda, a pré-inscrição refere-se a ajudar nas várias atividades a serem realizadas nestes Locais de Acolhimento e mesmo em atividades conjuntas que vão decorrer durante os DND, seja momentos de oração, catequese, jogos, *workshops*, refeições ou festas. Algo muito positivo na JMJ é que nos provoca a sair de casa e a pôr-nos a caminho, tal como Maria.

De momento, há uma panóplia de atividades em que podemos participar. Por exemplo, no dia 23 de cada mês, até à JMJ, realiza-se o dia JMJ. Cada diocese propõe a sua caminhada. A Diocese de Coimbra, representada pelo COD, convida para uma oração na Sé Velha, na cidade dos estudantes, organizada pelos vários movimentos e grupos de jovens.

ROTA DOS PATRONOS

O COD Coimbra lançou a Rota dos Patronos, uma proposta que dá a conhecer os Patronos da Diocese de Coimbra aos grupos de jovens ou a qualquer pessoa ou grupo que tenha interesse em aprender mais.

A Igreja de Santo António dos Olivais é um dos pontos de passagem! No *site* da Jornada, são-nos propostas as catequese *Rise UP*, que nos convidam a abrir o coração e a compreender o evento que vamos viver. Adicionalmente, no *site*, podemos ainda encontrar a oração e o hino oficial, facilmente incorporados nas missas e orações do dia-a-dia. É fundamental acompanhar as páginas das redes sociais das equipas locais e diocesanas para conhecer todas as atividades que vão sendo organizadas.

Se estás a ler este artigo e ainda não estás envolvido na JMJ, então não deixes passar mais tempo e aproveita já hoje para dares a tua ajuda. Partilha com todos os que conheces e contagia esta alegria de participarmos todos juntos! ■



CORO COD COIMBRA

Alice Cardoso

A ideia de receber uma Jornada em Portugal tem sido, para mim, tanto entusiasmante como assustadora. A parte entusiasmante deste evento mundial é a sua capacidade de trazer uma nova vida às igrejas locais, em termos de vivência em comunidade e trabalho na pastoral juvenil. A parte assustadora prende-se com o facto de haver ainda algumas comunidades, que não estão preparadas para receber tantos peregrinos, de haver ainda quem não conheça a JMJ, ao fim deste tempo todo, e ao medo do que virá depois. Haverá de facto frutos ou, em algumas comunidades, vai permanecer o vazio que já havia antes de chegar a JMJ?

Apesar destes receios, que, por vezes, nos querem impedir de trabalhar, o COD Coimbra conseguiu criar um projeto, que se insere nas suas atividades: o Coro do COD, do qual também faço parte.

Como jovem desta diocese e antiga aluna do Conservatório de Música de Coimbra, posso garantir-vos que a igreja portuguesa já precisava, há algum tempo, de algo assim: um coro que não seja assim tão beato, que possa acolher toda a gente e mostrar aos jovens e adultos que, para rezar, não valem só os cânticos gregorianos. (Atenção! Tenho todo o respeito pelo canto gregoriano e pela sua importância.) Sei que nos anos 80 houve alguns projetos de bandas musicais católicas e conheço algumas recentes que estão no ativo, mas que têm pouca visibilidade.

Sinceramente, acho que estávamos a precisar de investir um bocadinho mais no SacroPop. (Sim, podem ficar chocados/as por lhe ter chamado SacroPop.) Porque os jovens ouvem Pop e se existem músicas hereges, românticas e fatelas, que todos os jovens gostam, porque é que não pode haver músicas sacras, que falem sobre verdadeiros encontros com Deus?

Nesse aspeto, sempre achei que estávamos um passo atrás, em relação aos Protestantes, que fazem concertos lindos e sentidos só com músicas que falam de Deus.

A igreja católica portuguesa tem tanta sede, no campo musical, que até já andamos a cantar as músicas dos Protestantes.

Certamente que o/a leitor/a deverá conhecer músicas como o “Oceanos” e o “Quão Belo Este Nome”, dos Hillsong, porque são lindas, intensas, ficam no ouvido e são Pop. Nesse sentido, é preciso ensinar toda a gente a rezar com música. É urgente atrair novamente os jovens para a igreja através da música e criar *beats* com os quais toda a gente (ou a maioria) se identifique e com os quais se possa chorar, dançar ou até adorar o Santíssimo.

No Coro do COD Coimbra temos isso tudo. Temos malta beata com muito boa disposição, temos malta que não é beata, mas que sabe cantar e tocar à brava, temos génios da música, temos padres, consagradas, leigos, famílias, temos diversão e, como consequência, temos oração, encontros com Deus e podemos levar isto tudo ao público e à igreja. Este coro faz-me deixar de ter medo de cantar uma música sacra no meio da rua. Não estou a falar do “Guiado pela mão” ou do “Onde Deus te Levar”. Estou a falar das nossas criações, dos hinos das outras JMJs, de músicas novas e leves, que toda a gente pode cantar na paróquia.

Como membro do Coro do COD, tenho esperança de que este projeto nos ajude, como jovens, a deixar os grilhões das músicas antigas e a investir em criar músicas e letras para as nossas comunidades, de forma a encontrar uma forma mais leve de rezar, com a qual toda a gente se identifique. ■



REDES SOCIAIS - <https://www.lisboa2023.org/pt/>

<https://www.facebook.com/codcoimbrajrmj>
<https://www.instagram.com/codcoimbrajrmj/>
<https://www.facebook.com/cotcjovemjrmj>
<https://instagram.com/cotcjovemjrmj/>

ATENÇÃO

A informação apresentada
refere-se a Coimbra.

Procura na tua paróquia ou nas redes sociais
a informação relativa a outros locais.

JMJ 2023



Como posso fazer parte?

FAMÍLIA DE ACOLHIMENTO



VOLUNTÁRIO



cotc.codcoimbrajrmj@gmail.com

[cotcjovemjrmj](https://www.instagram.com/cotcjovemjrmj)
[cotcjovemjrmj](https://www.facebook.com/cotcjovemjrmj)

O QUE É A JMJ?

A Jornada Mundial da Juventude (JMJ) é um encontro dos
jovens de todo o mundo com o Papa.

O QUE SÃO OS DIAS NA DIOCESE?

Os Dias na Diocese têm lugar na semana anterior à JMJ
e consistem num encontro dos jovens de todo o mundo
nas comunidades paroquiais das várias Dioceses do país.

QUAL É O MEU PAPEL?

FAMÍLIA

Acolhe os jovens
peregrinos em tua casa,
num espírito de partilha,
fraternidade e comunhão.

VOLUNTÁRIO

Prepara e dinamiza os
Dias na Diocese.
Coloca-te ao serviço de
todos.

PRÉ-INSCRIÇÃO:



26 julho a
31 julho
2023

PRÉ-INSCRIÇÃO:



OU ENVIA MAIL PARA: cotc.codcoimbrajrmj@gmail.com

SANTO ANTÓNIO, UM DOS PATRONOS DA JMJ LISBOA 2023

Paulo Rocha



A preparação, a realização e o dinamismo de cada Jornada Mundial da Juventude são confiados a patronos, santos e santas canonizados ou com esse processo em curso. Santo António é um dos patronos da JMJ Lisboa 2023.

Escolhidos pelo Comité Organizador Local (COL), são 13 os patronos da JMJ Lisboa 2023, mulheres e homens, jovens e adultos, nascidos na cidade que acolhe a jornada mundial da juventude ou que, naturais de outras geografias, são modelos para a juventude.

Os patronos escolhidos para a JMJ Lisboa 2023 são apresentados por D. Manuel Clemente, cardeal-patriarca de Lisboa, num texto que prefacia um livro publicado conjuntamente pela Paulinas Editora e pela Paulus Editora.

Sobre Santo António de Lisboa, escreve D. Manuel Clemente:

Realizando-se em Lisboa, a Jornada terá o apoio celestial de alguns santos lisboetas, que daqui partiram para anunciar a Cristo. Como Santo António, nascido por volta de 1195, que mais tarde seguiria, já franciscano, rumo a Marrocos primeiro e logo de seguida para a Itália, o Sul de França e de novo Itália, convertendo muita gente ao Evangelho que vivia e pregava. Faleceu em Pádua em 1231 e um ano depois já tinha sido canonizado, tanta era a certeza da sua santidade. O papa Leão XIII chamou-lhe “o santo do mundo inteiro”.

Para além de Santo António, são patronos da JMJ Lisboa 2023:

- **São João Paulo II**, “a quem se deve a iniciativa das Jornadas, que têm reunido e animado milhões de jovens dos cinco continentes”;
- **São João Bosco**, “que São João Paulo II declarou ‘Pai e Mestre da Juventude’;

- **São Vicente**, diácono e mártir do século IV, “que sendo padroeiro da diocese a todos acolherá e reforçará com a sua caridade e testemunho evangélico”;
- **São Bartolomeu dos Mártires**, dominicano e arcebispo de Braga, que “partiu para Trento, tomando parte na última fase (1562-63) do Concílio que ali quis reformar a Igreja, tornando os pastores mais próximos das ovelhas, como o Evangelho requer e tanto insiste o Papa Francisco”;
- **São João de Brito**, jesuíta, que “partiu para a Índia, para anunciar Cristo”.

D. Manuel Clemente apresenta também alguns bem-aventurados (beatificados), naturais de Lisboa e que, por isso, foram escolhidos para patronos: **Joaquina de Portugal**, **João Fernandes**, jovem jesuíta que foi martirizado em 1570; **Maria Clara do Menino Jesus**, fundadora das Franciscanas Hospitaleiras da Imaculada Conceição.

“A estes jovens lisboetas que ‘partiram’ como a Mãe de Jesus, quer na geografia do mundo quer na geografia da alma, para levarem Cristo a muitos outros, juntam-se padroeiros de outras origens, mas do mesmo Reino”:



o bem-aventurado **Pedro Jorge Frassati**, **Marcel Callo**, **Chiara Badano** e Carlo Acutis.

“No tempo de cada um, os Patronos da JMJ Lisboa 2023 demonstraram que a vida de Cristo preenche e salva a juventude de sempre. Com eles contamos, com eles partimos!”, conclui D. Manuel Clemente.

RÉPLICAS DA CRUZ DA JMJ NAS DIOCESES DE PORTUGAL

Para lembrar a passagem dos símbolos pelas dioceses e incentivar os jovens a “ir mais além”, a Fundação JMJ Lisboa 2023 está a oferecer uma réplica da Cruz da JMJ a cada comunidade diocesana.

São já sete as Dioceses portuguesas (Algarve, Beja, Évora, Portalegre-Castelo Branco, Guarda, Viseu e Funchal) que receberam uma réplica da Cruz da JMJ, um dos Símbolos oferecidos por São João Paulo II aos jovens de todo o mundo. O grande objetivo é que a presença desta réplica mantenha viva a memória da passagem dos Símbolos e, nas palavras de Dom Américo Aguiar, Presidente da Fundação JMJ Lisboa 2023, “fazer com que cada um assuma a cruz da Jornada em si, no que é a programação da pastoral para a JMJ, transportando a réplica da Cruz”.

A réplica reproduz fielmente a Cruz Peregrina da JMJ, quer na sua dimensão quer no material de construção, bem como nos elementos que constituem o conjunto – a base em ferro, pintada com

o logótipo da JMJ Lisboa 2023 e a placa em metal com as palavras do Papa João Paulo II gravadas.

A réplica da Cruz Peregrina é constituída por um eixo vertical com 3,70m e um eixo horizontal com 1,75m, pesando cerca de 35 kg.

A produção das réplicas está a cargo da empresa portuguesa *Publipro* e o processo de fabrico de cada cruz tem uma duração aproximada de 4 dias, compreendendo o corte, a contra colagem e os acabamentos. São feitas com madeira de casquinha (pinho nórdico), uma madeira leve e fácil de trabalhar. No final do processo, são envernizadas de forma a conferir a cor e a garantir uma maior durabilidade. ■



Réplica da Cruz da JMJ na Diocese de Évora



ENTREVISTA

COM O PADRE FILIPE DINIZ

Inês Santos e Gonçalo Oliveira



O Padre Filipe Diniz é um jovem de 40 anos, que exerce a sua vocação na Diocese de Coimbra, há 14 anos. É vigário paroquial nas paróquias de Cernache, Assafarge, Antanhol e Almalaguês, assistente espiritual do movimento dos Convívios Fraternos em Coimbra e responsável pela pastoral juvenil no Secretariado Diocesano da Pastoral Juvenil. Em 2017, a Conferência Episcopal Portuguesa (CEP) lança-lhe o desafio para acompanhar a Pastoral Juvenil Nacional, através do Departamento Nacional da Pastoral Juvenil (DNPJ), onde exerce funções até ao momento. Neste momento, com a JMJ à porta, tem acompanhado os símbolos da JMJ na sua peregrinação pelas várias dioceses de Portugal.

Padre Diniz, o que o traz até à Jornada?

Primeiro, o facto de ter vivido outras jornadas mundiais da juventude. A de Madrid, em 2011, como responsável da pastoral juvenil da diocese de Coimbra, foi muito desafiante. Nunca tinha sentido um tão grande número de pessoas focadas no essencial, na mensagem de Jesus Cristo e perceber como isso transforma os corações de tantos jovens. Depois, em 2016, tive a oportunidade de viver a JMJ em Cracóvia, dando continuidade àquilo que foi a experiência de 2011, também numa perspetiva de coordenação.

Depois, em 2019, tive a grande graça de participar e viver a experiência da JMJ fora da Europa, no Panamá, já com a responsabilidade do DNPJ, onde a grande maioria das dioceses esteve presente. A experiência de termos saído da nossa Europa para uma outra realidade, a da América Central, onde não houve um tão grande número de peregrinos, mas que foi uma experiência marcante, muito próxima de um povo que se preparou dignamente para acolher os jovens do mundo e onde recebemos a grande notícia de que a próxima edição da JMJ iria realizar-se em Lisboa.

Porque é que o Padre Diniz aceitou este desafio?

A peregrinação dos símbolos da JMJ e os Dias Na Diocese (DND) são da responsabilidade da Conferência Episcopal do país que acolhe a JMJ. Nesse sentido, a CEP lançou-me o desafio de escolher uma equipa para preparar estas duas iniciativas. A peregrinação dos símbolos pretende divulgar, promover e mostrar aquilo que são as riquezas do nosso país e como é que os nossos jovens estão a preparar a JMJ. Depois os DND, na gíria pré-jornada, mas eu gostava de focar que são dias vividos nas dioceses de acolhimento antes da jornada em que os jovens dos diferentes países querem conhecer as realidades do país, desde a dimensão cultural e religiosa, até à gastronomia, entre outras coisas.

Ao aceitar este desafio, para mim, foi uma grande alegria, um voto de confiança, sabendo perfeitamente que tinha de estar com o coração aberto. Porque a JMJ, pelo facto de ser um grande evento, é um marco na história do país, do mundo e acredito verdadeiramente que, com a minha fragilidade e com os meus dons, não estou sozinho porque, na preparação destes dois eventos, precisamos de fazer equipas.

A preparação destes momentos é para ser vivida em comunhão com as várias dioceses. Claro que a JMJ, a preparação do grande evento, diz respeito às equipas que estão focadas nesse objetivo dentro do Comité Organizador Local, a que nós chamamos o COL.

Estamos a um ano da JMJ. Qual é o sentimento geral das populações que recebem os símbolos?

O sentimento prevalente, quando tenho a oportunidade de passar por estes vários pontos do país, é o de querer tornar próxima a JMJ. Os símbolos têm muito estas características: envolvem as pessoas e focam-nas para este grande momento. É um sentimento de ternura e proximidade. A cruz que foi confiada aos jovens por São João Paulo II, em 1984, e que, a partir de 1986, começa a peregrinar pelo mundo. O ícone de Nossa Senhora que o Papa, em 2000, confia aos jovens é uma forma de Nossa Senhora também caminhar com a cruz da JMJ. Esta proximidade é um voto de confiança de que estamos juntos a fazer este caminho. Como o próprio tema “Levanta-te”, não para correremos desalmadamente, mas apressadamente, porque confiamos e acreditamos que podemos chegar perto dos que nos estão mais próximos.

Conte-nos uma história engraçada das viagens.

São tantas. É engraçado perceber que às vezes a graça de Deus acontece no meio de tantos desafios por onde estes símbolos passam. Claro que me lembro de momentos engraçados desde a perspectiva da logística, do transporte dos símbolos para chegar a alguns locais e contextos. Os símbolos já viajaram de avião, de carro (na carrinha da JMJ), já viajaram de bar-

co, enfim. Já passaram por tantos contextos que isto é, sem dúvida, o mais marcante, a forma como estes dois símbolos passaram por tantas vias. São tantas que é difícil elencar. Mas vejo o primeiro momento, quando iniciámos a peregrinação rumo a Angola, como marcante. Recordo-me de estar a olhar pela janela do aeroporto para o avião, na incerteza de os símbolos poderem ou não embarcar, a tentar perceber se iam ou não naqueles vagões que entram dentro do avião. No último vagão de todos, lá estavam os símbolos. Fiquei tranquilo porque viajava naquele avião. Para mim, foi um marco histórico da peregrinação. Foi o início propriamente dito da peregrinação.

Conte-nos um momento em que tenha sentido um grande entusiasmo da população.

Eu tenho sentido que, por onde tenho passado e daquilo que os coordenadores ou responsáveis das dioceses me têm dito, tem havido muito acompanhamento e vida ao receber estes símbolos e, por isso, os momentos são todos eles marcantes, uns de uma maneira outros doutra.

Se os símbolos tivessem uma credencial de peregrino, quantos carimbos já teriam?

Muitos! Não sei dizer números. O que importa é que pelos diversos locais em que já passaram, têm deixado uma marca de referência e sentido.

Claro que são dezenas e dezenas de localidades, mas o que importa são os momentos marcantes que os símbolos tiveram nessas mesmas localidades com os jovens, as crianças, os idosos. Isso é que faz sentido.

Qual acha que vai ser a maior dificuldade e em que é que acha que vamos ser muito bons? Que toque português é que vai ser dado a estas jornadas?

As dificuldades são normais. Sinto que nós portugueses com grande facilidade agilizamos a situação, preocupamo-nos e encontramos a solução.

Nós nunca preparámos uma JMJ. Aquilo que eu vou escutando são ecos de outras jornadas. O que é muitas vezes frisado é que haja um coração aberto, colocando tudo nas mãos de Deus. Esta iniciativa não é nossa, mas sim d’Ele. Com Ele, fazemos história e fazemos com que a JMJ aconteça.

Mesmo nesta fase que estamos a viver, num contexto de guerra e de pandemia que baralhou aqui um bocadinho a situação, depois da tempestade virá sempre a bonança. Temos que nos adaptar, enriquecer, apoiar para vivermos este momento como graça, confiando nas mãos de Deus todo este trabalho. Acreditamos que a bonança é o que Ele nos vai dar de forma gratuita. Por isso, acredito que o toque português, à bom português, é que achamos sempre uma solução. ■



ENTREVISTA

COM O FREI FLÁVIO

Gonçalo Oliveira



Frei Flávio, natural da cidade de Marabá, no estado do Pará, reside na cidade de Caçapava, no estado de São Paulo, próximo de Aparecida, onde fica a basílica da padroeira do Brasil. Trabalha com os jovens e a pastoral vocacional. É o delegado mundial dos franciscanos conventuais para a JMJ 2023.

Gonçalo: A comunidade onde vives é uma comunidade que está a crescer? Como é que tem sido nos últimos anos?

Frei Flávio: Com a pandemia, infelizmente, deu uma caída, mas é uma comunidade viva, tem muitos jovens, leigos na coordenação da catequese, ministros da Eucaristia e vários movimentos, como a Ordem Franciscana Secular, a Milícia da Imaculada e todo esse movimento da igreja não só por causa da jornada, mas porque a igreja está voltando o seu olhar para os jovens, então os jovens também se sentem mais acolhidos dentro da igreja; é uma comunidade bem dinâmica.

Como é que estão organizados os jovens e como é a sua participação na comunidade?

Eles têm um grupo de música e alguns já estão inseridos na catequese como auxiliares ou assumindo uma turma. Também temos uma Casa de Retiro, onde tem muito verde e onde vamos fazer os nossos retiros e festas. Os jovens gostam muito de festa. Recentemente fizemos um pedal (uma volta de bicicleta de 10Km) para arrecadar fundos. A inscrição era um 1 kg de alimentos que depois foi revertido para as famí-

lias carentes. Também tem a pastoral da acolhida: os jovens fazem a recepção, passam o álcool gel, medem a temperatura e sinalizam o local onde ficar.

É tudo por autogestão ou há animadores?

Tem uma escala e há sempre há um revezamento. Tem dias que a missa, o canto, as leituras, a acolhida; é tudo dos jovens. Os coordenadores são mais velhos, mas existe muita confiança, a gente conversa muito com as famílias, para os pais saberem o que os filhos estão fazendo na igreja; então é sempre em diálogo com os pais.

Que dificuldades é que têm encontrado e que desafios é que os jovens vos colocam?

O primeiro desafio que vejo em algumas lideranças mais velhas é que não têm paciência com o jovem. O jovem chega e já bate no jovem e ele não se sente acolhido. Tem que haver responsabilidade, mas precisa também ter uma certa paciência, porque o jovem chega na igreja muitas vezes machucado por situações familiares, na escola e tantos sofrimentos que ele passa e, então, a igreja é o lugar em que ele não pode apanhar, não é, tem que ser acolhido com paciência e com um testemunho de fé. Existem muitos jovens no Brasil, porém nem todos estão dentro das igrejas, alguns só participam na Semana Santa que é mais cultural, numa festa do Santo, como o Santo António, quando há um casamento, uma missa importante da família... esse é um desafio.

Depois também toda a questão das drogas que é muito forte, é um assunto que a gente sempre precisa conversar com o grupo, porque sempre tem um jovem que conhece amigos que usam drogas, que vendem, dentro das escolas isso acontece. Então, a gente tem que dar formação religiosa, mas também formação



humana para que o jovem, diante dessas opções que o mundo oferece, saiba dizer não.

E vêm neles uma ação para ajudar os amigos?

Sim, muitas vezes fazem-no em particular, não se expõem: frei tem um amigo que está passando por tal situação de drogas o que é que eu faço, com quem converso? Tem também muitos jovens no Brasil depressivos, que se automutilam, com pensamentos de suicídio, também dentro da igreja. Então a coordenação busca fazer esse trabalho de valorização da vida, de dar autoestima, fazer com que o jovem perceba que ele é importante, primeiramente para Deus, mas também para a sociedade; sim os jovens querem ajudar.

Ótimo! Então o que é que te traz aqui em Portugal?

De 20 a 25 deste mês de junho, nós frades conventuais temos uma reunião em Lisboa. Eu vim do Brasil, mas vai ter frades vindos do Uruguai, dos Estados Unidos, de Portugal, Roménia, Espanha, França, Itália, Polónia.

Vamos pensar a Jornada Mundial da Juventude com os jovens das nossas realidades. Esse trabalho com a juventude é essencial não só para a vida da igreja, mas também para o jovem conhecer a vida dos freis e os freis se abrirem à vivência com os jovens. É uma oportunidade para conviver num contexto mais descontraído vivendo esse carisma de Francisco, Santo António e Santa Clara, que, sendo jovens, se decidem por Deus a viver essa radicalidade. Então, também no nosso mundo, hoje, tem muitos jovens que estão sedentos e, por isso, precisamos fazer propostas para esse caminho franciscano.

O Brasil já teve uma Jornada, em 2013, há 10 anos atrás; qual é que foi a experiência de ter uma Jornada em vossa casa?

Na diocese eu era um dos que ajudava. Então, aquilo que vocês estão pedindo, a acolhida para as pessoas abrirem as casas, foi tudo muito bem organizado e daí surgiu um grupo de jovens nas diversas cidades da diocese. Foi um elo muito forte com a comunidade para acolher os jovens. Foi uma experiência muito rica para nós que estávamos na organização, mas

também uma riqueza para todos. Tem pessoas que até hoje conversam com os jovens que foram acolhidos.

Percebo! Então quais foram os frutos do pós Jornada ou seja o que ficou na comunidade? Os jovens ficaram mais motivados?

O fruto da Jornada foi a comunidade perceber que o jovem é responsável; claro, é necessária organização, um cronograma, não é simplesmente jogar a coisa para os jovens, mas juntos, ali em comunidade, essa foi a dinâmica, muitos jovens participando. Também no Brasil há diversas realidades juvenis, tem os franciscanos, tem os jovens da renovação carismática, focolarinos, pastoral da juventude... Então a gente conseguiu sentar e conversar, traçar projetos em comum. Sempre tem aqueles que ficam com um pé atrás, que não aceitam, mas é tranquilo, também tem muitos que aceitam, que se abrem e querem a participação dos jovens, percebem que o jovem tem esse dinamismo do espírito de atualizar o evangelho.

E que conselho é que deixas para Portugal?

O meu conselho é: não desanimem. Muitas vezes nós temos uma ideia, um projeto e às vezes a coisa não anda, é necessário calma, não desanimar. E não esquecer a espiritualidade franciscana, você está acolhendo um irmão que vem de uma outra realidade, mas que é cristão, que vive a nossa fé, que também busca esse caminho de santidade. As pessoas que vão acolher os jovens nas famílias que possam também sentir essa presença do Cristo ao receber essas pessoas de diversas realidades. Nos vamos ver na Jornada. Com certeza vai ser um momento muito intenso, único e de grande alegria.



Encontro dos Frades Menores Conventuais da Pastoral Juvenil e Missão nas famílias, em Lisboa, junho 2022.

D. Hélder Câmara

Idalino Simões

A notícia passou quase despercebida:

O Instituto D. Hélder Câmara levou cerca de três anos para reunir manuscritos, livros e documentos, que foram então digitalizados. A enorme coleção de 500 kg foi transportada para Roma pela companhia aérea TAP Air Portugal, que apoia o projeto. A documentação entregue fará parte do acervo para o processo de canonização de D. Hélder.

D. HÉLDER É UM DESAFIO PARA A IGREJA. PELO QUE FOI, PELO QUE FEZ, PELO QUE DISSE.

Passados quase 23 anos depois da sua morte (27 de agosto de 1999), que aconteceu para que este homem, pequenino em estatura, se apresente agora como alguém a ser proposto como modelo e referência de santidade? Ele, a quem chamavam o bispo vermelho, odiado de morte pelo poder vigente e acusado até por colegas no episcopado de ser alguém ao serviço do marxismo.

Dele afirmou Leonardo Boff:

D. Hélder Câmara é o maior profeta do Terceiro Mundo, diria, de toda a Igreja Universal. O profeta é o homem da palavra de denúncia, que anuncia, que consola e que constrói o horizonte utópico sem o qual ninguém nem a sociedade pode viver. A palavra do poeta nasce da escuta de outra palavra, a divina, que queima na consciência, que grita da boca dos pobres e que ecoa suavemente do universo.

D. Hélder é uma testemunha. É homem de percursos vários. No início da sua vida de presbítero esteve comprometido profundamente com os setores integralistas do Brasil. Depois de nomeado Bispo foi encarregado de organizar, em julho de 1965, o XXXVI Congresso Eucarístico Internacional, um evento que movimentou a cidade do Rio de Janeiro e envolveu centenas de milhares de pessoas. Demonstrou a sua capacidade de mobilização da sociedade, de angariar recursos e de conseguir o apoio de empresas e do governo. Mas este congresso marca o grande ponto de viragem do bispo D. Hélder.

Um dos Cardeais, presentes no Congresso, Pierre-Marie Gerlier interpela-o:

Permita-me que lhe fale como um irmão, um irmão através do sacerdócio, um irmão no episcopado, um irmão em Cristo: por quê, meu irmão Hélder, você não põe todo esse talento de organizador que Deus lhe deu ao serviço dos pobres? Você sabe que o Rio de Janeiro é uma das cidades mais belas do mundo. Mas é ao mesmo tempo uma das mais pavorosas, porque todas essas favelas, como vocês chamam, são um insulto ao Criador.

D. Hélder respondeu a Gerlier: *Esta é uma virada na minha vida. O senhor verá que eu me consagrei aos pobres. Não estou convencido de minha capacidade excepcional de organizador de que o senhor fala, mas garanto que todos os dons que o Pai me confiou eu os porei ao serviço dos pobres.*

Para trás ficariam as suas ligações a uma visão integralista da Igreja defendida pelo movimento de Plínio Salgado: *Deus, Pátria e Família*. Para trás ficavam os dias de carreira junto das famílias influentes, dos poderes. Uma vocação evangélica nascia no coração de D. Hélder.

Agora novos trabalhos vão ser caminhos abertos nessa nova etapa. O compromisso com os homens e mulheres das favelas para encontrar habitação condigna. Imaginação criativa para iniciativas de financiamento e apoio aos pobres das favelas: Cruzada S. Sebastião, Feira e Banco da Providência.

A sua ação de compromisso com os pobres não deixa de lado o compromisso com a Igreja, dum modo especial na Ação Católica: a JUC (Juventude Universitária Católica) e a JOC (Juventude Operária Católica).

Através duma relação estreita com o cardeal Montini, que será depois o Papa Paulo VI, põe em marcha a constituição da CNBB (Conferência Episcopal dos Bispos de Brasil), abrindo caminho a uma estruturação e reorganização da Igreja do Brasil, que depois será completada com a o CELAM (Conselho Episcopal Latino-americano) unindo as igrejas da América Latina num esforço de organização para o trabalho eclesial.

Com a abertura do Concílio Vaticano II, D. Helder inicia um tempo de intensos contactos com os jovens teólogos que participam no Concílio. A *Domus Mariae*, onde estavam instalados os bispos brasileiros, é um dinâmico centro de debates e de confronto de opiniões. Foi o promotor mais ardente do grupo de bispos apelidado *Ecuménico* ou *Conferência dos 22*, pelo número de conferências episcopais ou organismos que se reuniam cada terça e depois cada sexta-feira. Nas suas cartas durante o Concílio anota o desejo profundo de unidade mesmo quando há posições calorosamente defendidas:

Sugeri que sugeríssemos ao Santo Padre (Ele está em diálogo com o Ecuménico: recebe nossas petições e as atende na mesma hora, como o Papa João) que Ele, na véspera do encerramento da 2ª Sessão, venha fazer uma manhã de recolhimento connosco, sobretudo para dizer: Vocês são irmãos. Andaram discutindo, por vezes, de modo mais vivo. Chegaram, aqui e ali, a veemências. Talvez ou certamente, haja travos, amarguras [...] Vamos esquecer mágoas, perdoar-nos mutuamente, mergulhar na caridade. Peçam a Deus por estes dias finais. Que eles sejam aproveitados até o fim! Que

até o fim sejamos instrumentos nas mãos de Deus [...] A nós escapam os resultados: a Deus pertencem.

Participa como o seu grupo duma forma muito ativa nos debates conciliares sobretudo no esquema 13 do qual nasceria a *Gaudium et Spes*. Assina, com outros padres conciliares, o que se designou como esquema 14: o *Documento das Catacumbas*, defendendo uma Igreja que faça uma clara opção pelos pobres e que ponha de parte os sinais de poder e de riqueza.

A sua presença em Olinda-Recife como bispo está definida na sua saudação ao chegar:

Um cristão se dirigindo a cristãos, mas de coração aberto, ecumenicamente, para os homens de todos os credos e de todas as ideologias. Um Bispo da Igreja Católica que, à imitação de Cristo, não vem para ser servido, mas para servir.

Vive esses tempos de confronto e perseguição com a ditadura militar, mas também com as distâncias e acusações de alguns dos companheiros no episcopado. O processo de canonização e a leitura das suas obras abrem caminho para um conhecimento mais profundo do itinerário deste homem que teve como lema: *In manus tuas*.

IN MANUS TUAS (NAS TUAS MÃOS)

*Só Tu e mais ninguém
me poderias soprar lema tão feliz,
que resume, a cada instante,
minha miséria total
e minha riqueza em tuas mãos.
Nada peço e nada recuso.
Nada ouso e nada temo.
Decides por mim.
Ages por mim.*

D. Helder Câmara

Celebrar a amizade

Juan Ambrosio

Recebi por estes dias a mensagem de um amigo convocando um encontro. Há já algum tempo que este grupo não se encontra, apesar de irmos sabendo notícias uns dos outros. Somos todos professores e tínhamos o hábito de nos juntarmos para partilhar experiências e reflexões e, sobretudo, celebrar a amizade. Chegou o momento de reiniciarmos essa prática.

Este acontecimento fez-me pensar um pouco na amizade e na sua importância na vida das pessoas. O que vejo e sinto, aquilo que constantemente oiço e testemunho, não me deixa margens para dúvidas: os amigos são verdadeiramente essenciais na existência de cada um de nós. Eles são sempre fruto de uma eleição.

A AMIZADE IMPLICA SEMPRE UMA ELEIÇÃO E UM EXERCÍCIO DE TESSITURA

O primeiro momento de encontro pode ter sido, até, fruto do acaso, acontecendo no meio de situações em que estávamos muito longe de imaginar a relação de amizade que daí surgiria. Outras vezes nem nos lembramos bem desse primeiro momento, pois esse amigo parece estar na nossa vida desde sempre.

Sejam quais forem as circunstâncias, a verdade é que a amizade implica sempre uma relação querida e alimentada e, por isso, implica uma eleição. Com isto não me refiro a uma escolha feita de uma vez para todas, ou seja, escolho que tu sejas meu amigo e isso acontece automaticamente, mas a uma relação que se constrói constantemente por vontade daqueles que nela estão implicados. Isso implica tempo, espaço, vontade. Mesmo quando parece acontecer por acaso a amizade requer sempre um exercício de tessitura.

É por isso que me faz bastante confusão a maneira inapropriada e leve com que muitas vezes nos referimos a esta realidade.

O modo como comunicamos e nos relacionamos neste mundo em que tudo e todos estamos interligados facilita essa confusão. Colecionam-se os amigos que chegam a perfazer milhares, como se fosse possível ter milhares de amigos. Conhecidos talvez, seguidores certamente, mas amigos não, pois o tal trabalho de tessitura requer uma presença e disponibilidade que não são compatíveis com esses números. Ao longo da nossa vida cruzar-nos-emos com milhares de pessoas, teremos também muitos conhecidos, mas o encontro da amizade só será vivido com um número bem mais reduzido de pessoas.

Também no contexto familiar e profissional utilizamos essa palavra de um modo que me parece desadequado. Com frequência ouço dizer a muitos pais que procuram ser os melhores amigos dos filhos. Julgo perceber o que querem dizer com isso. Procuram expressar uma relação construída ao longo do tempo e que vai muito para além de uma mera relação biológica. Mas para mim é isso mesmo que significa ser pai. Não se trata simplesmente de gerar a vida, mas de alimentá-la e fazê-la crescer sempre e em todas as circunstâncias. Nunca me considere o melhor amigo dos meus filhos, nem nunca procurei sê-lo. Tenho por eles um amor e carinho, uma relação vital, que a palavra pai me parece traduzir de uma maneira mais justa e precisa.

Algo de parecido, ainda que em contextos muito diversos, se pode dizer no âmbito das relações profissionais. No desempenho dos nossos traba-

lhos acabamos sempre por nos relacionar com muitas pessoas. Com muitas delas chegamos mesmo a ter relações de empatia e proximidade e, porque passamos muito tempo juntos, até chegamos a conhecer muita coisa acerca das suas vidas e elas das nossas. Apesar disso não me parece que muitas dessas relações cheguem a configurar uma verdadeira amizade.

A AMIZADE PRECISA DE SER ALIMENTADA E CELEBRADA

A maneira como muitas vezes a amizade é referida e mencionada tem provocado uma certa banalização, não dando a verdadeira conta do que ela é na vida das pessoas. ‘Separar as águas’ parece-me, por isso, fundamental, não para desvalorizar as relações laborais, nem muito menos as familiares, mas para poder destacar o que é específico e constitutivo da relação de amizade.

Agora que vamos entrar num tempo que proporciona, para muitos, mudanças de ritmo, talvez seja um momento oportuno para revisitarmos e revermos amizades.

É verdade que a amizade resiste a muita coisa, mesmo a longas distâncias e também a longas ausências, mas não tenhamos ilusões, ela tem de ser alimentada, ou, então, os amigos não são afinal tão importantes na nossa via e, nesse caso, talvez corram o sério risco de já não ser, em verdade, amigos, ainda que por eles alimentemos um certo carinho.

A amizade, para sê-lo, precisa mesmo de ser alimentada e celebrada. ■



Eu, tu, nós: quem somos na web?

Gilberto Borghi e Chiara Gatti

A mais antiga biografia de Santo António conta-nos como a notícia da sua morte foi dada por um grupo de jovens que a espalharam gritando: “O padre santo morreu, morreu Santo António!”. E isto contra a vontade dos franciscanos, que não queriam espalhar a notícia para evitar ajuntamentos devido à sua fama e acautelar lutas entre as facções da cidade para ter a custódia do corpo do Santo, como forma de privilégio e de poder.

Entretanto, aqueles jovens gritavam bem alto uma notícia verdadeira, um facto de que tinham tido conhecimento em primeira mão, não se sabe bem como e revelavam-no sem a prudência e o calculismo, próprios dos adultos. Eis o ponto de partida para a nossa reflexão sobre a relação entre os jovens e a sua forma de comunicar, onde assumem papel relevante as redes sociais.

A primeira consideração refere-se à forma como a realidade e, portanto, a verdade, é de tal modo distorcida, fragmentada e alterada nas redes sociais, que, muitas vezes, já pouco tem a ver com a realidade. É o caso de Laura que, desde criança, adora *ballet*, apesar da sua constituição física não ser adequada para voar sobre as pontas dos pés: Laura é musculada e atlética; não é que seja gordinha, mas tem um corpo robusto demais para o que gostaria de fazer. Durante as aulas de dança e os ensaios, fica sempre frustrada, porque enquanto as suas companheiras voam como libélulas e ela fica sempre em último em termos de performance e habilidade. Começa então a criar vídeos no *TikTok*, onde, a partir dos originais feitos nas aulas, deforma a sua imagem, dilui as pernas, as ancas, a cintura... encolhe os seios e alonga o pescoço.

Os seus vídeos tornam-se virais, porque os comenta com leveza e simpatia, valorizando o seu desempenho. Gosta tanto de si mesma nesses vídeos que, quando se ao olha ao espelho na barra do salão da escola, já não vê a sua imagem desajeitada, mas a dos seus vídeos: que sucesso, quantos admiradores! Quem é, então, a Laura, podemos perguntar. Ainda consegue perceber a sua imagem real, a verdadeira ou a realidade coincide com a verdade que criou para si própria?



Morreu o Santo. Funeral de Santo António - detalhe do fresco (1513), de Girolamo Tessari, conhecido como Dal Santo. Pádua, Sala das Reuniões da Scoletta del Santo. Foto de Ghiraldini Giuliano - fotoghirag@libero.it - gentilmente cedida pela Veneranda Arca. À direita: Ilustração de Alessia Bogdanich.

Os jovens que anunciaram a morte de António fizeram-no com o corpo, com a voz, correndo pela cidade, espalhando palavras. Hoje, pelo contrário, o corpo e o espaço físico parecem ter pouco a ver com a forma como os jovens se relacionam, já que estes escolhem as redes sociais como o lugar privilegiado para se divertirem e estarem juntos. Chegamos ao paradoxo de formas de comunicação híbrida, onde o telemóvel é a única possibilidade de relacionamento com os pares. É o caso de um grupo de rapazes e raparigas adolescentes, sentados no passeio, frente a um supermercado, todos a teclar nos telemóveis, num evidente silêncio entre eles. A certa altura, uma das miúdas dá um pulo e vira-se para um rapaz ao seu lado com um berro: “Idiota!”. E vai-se embora. A amiga, solidária, levanta-se também e diz ao rapaz: “Podias evitar escrever o que escreveste!”. Ou seja estavam juntos no mesmo local a conversar pelo telemóvel, evitando o confronto pessoal direto, despertado apenas no final pela forte reação de raiva da rapariga. Então perguntamo-nos: que presença estes jovens sentem mais? Como é que o seu corpo se expressa, quando a palavra é mediada por um instrumento virtual? Em que corpo vivem, quando se relacionam?

Se a realidade virtual se apodera cada vez mais da realidade objetiva, será que ainda é possível vivenciar a plenitude do contacto físico e o calor da carícia. Se uma amizade nasce *online* e se expressa nos limites e margens que a virtualidade permite, que plenitude um jovem pode sentir e que intensidade experimenta nas relações criadas desta forma.

É o caso de Samuel, cuja mãe, após o primeiro confinamento, o “obriga” a acompanhá-la até à cidade histórica de Matera (no sul da Itália) onde, à noite, vão visitar os “Sassi” iluminados (o centro histórico de casas gruta escavadas na pedra).

Por volta da meia-noite, ouvem uma esplêndida música de piano que se espalha por todo o lado, até perceberem que há realmente uma rapariga a tocar. Quando termina, Samuel aproxima-se dela e cumprimenta-a trocando algumas palavras, enquanto a mãe, à distância, não entende o que se passa. Depois a mãe pede explicações e Samuel, com calma, responde: “Conheço-a, é minha amiga no *Instagram*! Ela estava à minha espera. Chama-se Luísa, fiz um vídeo para ela!”.

A mãe não percebe: “Estivemos fechados em casa durante meses, como foi possível fazer uma amizade assim? Parecia que se viam de novo depois de muito tempo... Não consigo entender-te! Então, amanhã antes de partirmos, vão-se encontrar de novo?”. Samuel bufa, para ele a conversa acabou: “Mãe, vamos para o hotel dormir, estou cansado! Porque deveria vê-la de novo, amanhã? Já nos vimos... não comeces a magicar coisas!”.

O que é a amizade para o Samuel? A mãe está a anos-luz da forma como ele vive a sua relação com Luísa, que parece depender muito pouco do contacto físico e, no entanto, Samuel está deveras interessado nela, apesar de ela viver em Matera e ele em Bolonha. Mas isso não parece ser um problema.

A QUESTÃO RESIDE PRECISAMENTE NA RELAÇÃO ENTRE REALIDADE, VERDADE E VIRALIDADE.

Hoje em dia, uma coisa é considerada tanto mais verdadeira, quanto mais se espalha.

Na verdade, em todos os exemplos que vimos, existem planos que se sobrepõem ou se substituem uns aos outros, trocando de lugar como num jogo. Precisamente aqui reside o maior risco: perder-se numa comunicação amplificada, deformada, partilhada e recuperada sem qualquer possibilidade de controlo sobre a sua propagação. Assim, através desta forma de se comunicarem e de comunicar, os jovens confundem, frequentemente, os limites não só exteriores, como interiores da própria pessoa.

Gostaríamos de perguntar à Laura, ao Samuel e à rapariga “sem nome” em frente ao supermercado: “o que é que vocês acham que são verdadeiramente? E como é que teriam comunicado, nas redes sociais, a morte de Santo António?”. ■



Orações

a

Santo António



Amado Santo António, agradeço-te por tudo o que tens feito por mim, meu marido, nossa família, nomeadamente por um sobrinho nosso com doença muito grave. Foram 3 meses de grande aflição, toda a família estava em pânico, mas uma semana após uma cirurgia muito complicada começou a reagir e a lembrar-se dos nomes dos familiares. No início deste mês já se desloca de cadeira de rodas e começou a fazer fisioterapia. Sente-se mais animado assim como todos os que o rodeiam. Se for da vontade de Deus tudo será resolvido. A minha gratidão por teres intercedido por todos nós e principalmente por ele a Jesus, à Mãe do Céu e ao divino Espírito Santo. *Ámen! Maria Rosalina*

Querido Santo António, eu vos agradeço por teres atendido as minhas preces, mas continua a interceder por mim, junto de Maria e dá-nos a paz e a concórdia entre os meus filhos. Afasta de nós toda a intolerância e toda a discórdia. Suplico-vos que me socorrais em todas as aflições e nossas necessidades. Obrigada, querido Santo António! *Maria Teresa*

Obrigada Santo António, por ainda conseguir o pão. Obrigada pelas graças que me tens concedido. Peço-te pelos meus filhos. Hoje comi o pão do ano passado ao pequeno almoço. *Aida*

Querido Santo António, intercede por mim junto de Deus para que recupere o sentido da vida, recupere a saúde física, emocional e espiritual. Peço para que o ânimo, a fortaleza, a alegria e a esperança voltem de novo à minha vida e que os meus medos e inseguranças se afastem. Entrego as cirurgias aos olhos e todas as doenças, o meu matrimónio e toda a família. Intercedei para que o Espírito Santo me encha de força, alegria e entusiasmo. Que o amor de Deus me envolva. Dai-me a paz e a serenidade, bem como a sabedoria. *Ámen! Joana*

Querido Santo António, intercede por mim junto da Virgem Maria, nossa querida mãe e junto de Jesus, nosso irmão. Sabes que pela graça de Deus tenho trabalho, mas este ano ainda não consegui ter um salário, tudo parte de uma fumaça! Ajuda-me a ajudar a igreja e os irmãos e não permitas que seja escravo do inimigo de Deus. *Ámen! José Luís*

Meu querido Santo António, peço-te pela minha família, confia-a a Deus e pede pela resolução dos meus problemas. Peço-te a fé para cada um dos seus membros, a saúde, que recupere o amor, a harmonia, a paz, o diálogo e a concórdia. Confio-te o grupo de trabalho e jovens de S. Caetano para a JM2023.

Querido Santo António, muito obrigada por todas as graças que me tens concedido. Mais uma vez recorro a ti para pedir pelos meus netos. Santo António faz com que eles tenham saúde, paz, vontade de estudar e sigam pelo bom caminho. Que nunca enveredam por maus caminhos. Pega nelas ao colo sempre que precisarem. Ajuda-os, Santo António! *Avó*

Querido Santo António, a ti que tiveste a graça de ter o Deus menino nos teus braços, venho agradecer a graça de o meu carcinoma ter regredido e a operação ter corrido bem. Sei, meu santo querido que intercedeste por mim e continuas a pedir para eu ter saúde. Vivo só, mas sempre com Deus e sua Mãe e tu estás sempre por perto a ajudar-me. Obrigada. *Ámen! Lourdes*

Querido Santo António, neste dia tão especial em que o Senhor te chamou para sempre estares com Ele leva a minha oração. Preciso de criar a minha filha e de um trabalho estável. Que com a minha vida louve ao Nosso Senhor Jesus Cristo! *Ámen! Joana*

Querido San Antonio, en este día quiero darte gracias por tu intercesión ante Dios por nosotros e quiero pedirte que intercedas por mi hogar y mis hijos para que cada día seamos más moradas de Dios y de Maria. *Pelegrino*



Missão na Venezuela

Tiago Figo

A Custódia Provincial “Nuestra Señora de Coromoto” (OFMConv Venezuela) aceitou, muito generosamente, receber-me para uma experiência missionária fora do meu país e continente.

Fiz o pedido nesse sentido, após um período de convivência vocacional com os Frades Menores Conventuais em Portugal. Parti sem grandes seguranças quanto ao que encontraria e me seria pedido do outro lado do oceano, mas com a convicção de que lá valeria a vontade d’Aquele que verdadeiramente me elegeu e me enviou (Jo 15,16 e 20,21).

Foi preciso estar disposto a reinventar-me e redescobrir-me ao longo desta jornada. A minha experiência foi preenchida, sobretudo, de momentos para ver, escutar e conhecer.

Fiquei com a imagem de um país onde cabe tanta coisa diferente e onde cada região tem as suas especificidades. Fiquei com uma impressão da realidade económica, social... e até da política, de que já ninguém quer ouvir falar! Fiquei com um retrato de uma outra cultura, mais jovem, espontânea, alegre e muito matriarcal.

Lembro os amigos que se fizeram e por cujas casas entrávamos literalmente adentro. Lembro todas as pessoas que tiveram gosto em me mostrar o que de melhor têm e que foram incansáveis em saber se algo me faltava. Lembro os que por nada desejam largar o seu país e que sofrem com a ausência de seus familiares emigrados. Lembro quem já resistiu muito – e continua a resistir – em filas; quem quase se resigna com o pouco que tem e está habituado a ter de improvisar uma solução. No meio desta aprendizagem, problemas como as falhas no abastecimento de luz ou de água acabam por ser acessórios.

Fui privilegiado por poder viver entre os freis, que me trataram como um irmão e me marcaram através das suas histórias e percursos. Foi interessante constatar a diferente vocação e identidade de cada um, num ambiente em que se respira a “loucura do Divino”, como diria o nosso Padre Américo.

Tentei acostumar-me a outros ritmos e tempos. E, com a ajuda da oração, procurei compreender que a missão não está em ter jeito para certa ou determinada coisa, mas antes em nós mesmos, enquanto projeto único de Deus. Justamente, escreveu o Papa Francisco, na sua Mensagem para o Dia Mundial das Missões 2018, “Todo o homem e mulher é uma missão e esta é a razão pela qual se encontra a viver na terra”. ■



De Fernando se fez António

A FORÇA DE UM SANTO

Os santos são obras-primas de Deus, pessoas extraordinárias que forçaram as portas do céu. A sua coragem não conhece limites e mergulham na vida sem descanso, à procura da Verdade.

Excerto do Livro *António Secreto*

Iniciamos, este mês, a apresentação de alguns excertos do livro *António secreto*, o romance histórico recentemente publicado em Portugal, por merecer a atenção dos nossos leitores, graças ao seu conteúdo documentado, profundo e cativante. Ao longo das próximas edições da revista iremos abordar algumas temáticas, conforme o itinerário que o romance nos propõe. Ao mesmo tempo lançamos uma campanha para adquirir o livro em conjunto com a assinatura da revista (ver a página 9).

A MUDANÇA DE NOME E DE VIDA

A cena que o texto relata, passa-se no Mosteiro de Santa Cruz, por volta do ano de 1220. Fernando e o seu mestre Raimundo estão a preparar a despedida do jovem cônego regrente da vida monacal.

Em Santa Cruz, o tilintar da sineta anunciava o encerramento do capítulo.

Ao presidir à breve reunião, D. Raimundo expôs o pedido de Fernando com tal paixão que muitos confrades foram colhidos pela emoção. Sem esperar pelo regresso de Sebastião, o mestre falou como se já tivesse recebido a aprovação do bispo. Ninguém ousou opor o seu voto ao parecer da autoridade episcopal. Contados os votos, o pedido foi acolhido.

(...) Agora sabia que tinha perdido Fernando para sempre e esta certeza apagava o que ele habitualmente definia como a energia vital de todo o homem: o projeto, o desígnio, a ideia, o sonho do homem. E Fernando fazia parte do seu sonho. Com efeito, há muito tempo que contava confiar ao seu querido aluno os esforços de toda a sua vida: estudos, pesquisas, elaborações; dezenas e dezenas de catálogos, de listas, de recolhas; as invenções, os escritos, as anotações e centenas de fórmulas; todos os livros, manuais



e formulários que tinha colecionado durante uma vida inteira de trabalho, incluindo os instrumentos para destilação, alambiques, prensas, caldeiras e almofarizes. D. Raimundo tinha decidido confiar tudo o que constituía a sua herança a Fernando, o melhor aluno que alguma vez tinha tido, uma promessa para o saber e, para ele, a promessa, aliás, a certeza de ser alguém que perpetuaria a sua obra.

Invadiu-o uma sensação de vazio, ao imaginar a vacuidade da sua existência.

No silêncio contemplativo, Fernando vai assentando o caminho da sua vida...

(...) Naquele canto secreto, no lugar mais remoto e inacessível do mosteiro, na companhia de alguns ratos de esgoto esfo-



panaramka - stock.adobe.com

Apresentação do livro *António Secreto*, em Coimbra, na sacristia da Igreja de Santo António dos Olivais, onde se encontra a tela de Pasquale Parente que representa a vestição de Santo António. Foto Carlos Neves, *Correio de Coimbra*.

meados ou de morcegos que, ao voarem, lhe afluavam a cabeça, Fernando afiava o bico da pena de ganso e, tenazmente, manuscovia, um após outro, os documentos a entregar a D. Raimundo, para sua salvação.

Os hipócritas e os falsos religiosos são astros errantes, causa de naufrágio para os outros e, por isso, serão tragados pela tempestade e pela tormenta da morte eterna.

Os falsos religiosos, à semelhança dos armazenistas, vendem produtos sofisticados na praça pública: sob o hábito da ordem e sob a sombra de um falso nome, anseiam por ser louvados; perante as pessoas querem parecer santos, mas, na realidade, não querem sê-lo...

A religião, que devia conservar todo o género de virtudes e o perfume dos bons costumes, é destruída e torna-se uma loja de rua. Joel lamenta-se

disso, dizendo: “Os celeiros estão arruinados”, isto é, os claustros dos que vivem segundo uma regra; “os armazéns”, quer dizer, as abadias dos monges, “estão vazios, pois o trigo secou”. Por falta de caridade, é destruído o sagrado depósito de toda a religião...

Mal o cansaço se apoderava dele, mergulhava a cabeça no balde de água fresca e repetia a ordem recebida do mestre: escrever tudo o que tinha visto e ouvido, escrever sem descanso, a fim de assegurar a sua integridade.

Hoje não se realizam mercados, nem se fazem reuniões, civis ou eclesiásticas, em que não se encontrem monges e religiosos. Compram e revendem, edificam e destroem, arredondam o que era quadrado, isto é, desmontam e tornam a montar tudo.

Nas causas, convocam as partes, litigam perante os juizes, contratam juristas e advogados, arranjam testemunhas prontas a jurar em conjunto com eles por coisas efémeras, frívolas e vãs. Aqueles que engolem e desperdiçam os bens dos pobres serão, eles próprios, presa do diabo.

Fernando olhou para o coto da vela e, com medo de que se apagasse, acendeu uma nova. Quando a luz do dia deixou de iluminar a janela, Fernando recitou as Completas e restaurou um pouco as forças amolecendo pão duro num pouco de vinho acrescentado com água. Na quietude do silêncio, escutou os barulhos da noite. Ao longe, um cão gania, lamentava-se, chorava. Pensou na pequena aldeia dos leprosos, nas crianças suas amigas. Quem sabe se teriam comido?



O QUE PEDE O SENHOR À MINHA FAMÍLIA?

O Papa Francisco, no seu singelo discurso de abertura do **X Encontro Mundial das Famílias**, traçou em cinco pinceladas, as cores que deveriam caraterizar as famílias, hoje. É preciso “dar um passo mais” rumo ao matrimónio, à cruz, ao perdão, ao acolhimento e à fraternidade.

Eis a dinâmica própria da família: o acolhimento e o espírito de serviço. Na família vive-se uma dinâmica de acolhimento, porque antes de mais nada os esposos acolheram-se mutuamente, quando disseram um ao outro no dia do casamento: “Eu ... recebo-te a ti ...”. E depois, ao trazer os filhos ao mundo, acolheram a vida de novas criaturas. E enquanto, nos contextos anónimos, quem é mais frágil acaba frequentemente rejeitado, já nas famílias é natural acolher: um filho portador duma deficiência, uma pessoa idosa necessitada de cuidados, um parente em dificuldades que não tem ninguém... E isto dá esperança. As famílias são lugares de acolhimento e aí de nós se deixassem de existir! Ai de nós! Sem famílias acolhedoras, a sociedade tornar-se-ia fria e inabitável. As famílias acolhedoras e generosas são de certo modo o calor da sociedade.

Papa Francisco encontra-se com Zakia Seddiki, viúva do embaixador italiano assassinado na República Democrática do Congo, Luca Attanasio, durante o *Festival das Famílias no Vaticano*, 22 de junho de 2022. EPA / Vatican Media.